



Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Denise Pereira
(Organizadora)

Denise Pereira

(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C198	Campos de saberes da história da educação no Brasil 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-455-9 DOI 10.22533/at.ed.559190507 1. Educação – Brasil – História. I. Pereira, Denise. II. Série. CDD 370
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

O estudo da História da Educação sempre será muito importante para ajudar a compreender o modelo educacional que possuímos hoje, entender os possíveis erros que ocorreram de forma que possamos preveni-los e evitá-los.

Para se compreender o presente e planejar o futuro é necessário entender o passado, que neste caso é a História da Educação.

Tudo é história e tudo tem história. No processo educacional isso é ainda mais presente.

Os pesquisadores tem se interessado em compreender as ações de educação contidas na sociedade com suas diversas formas e esferas de intervenção.

Outros estudos vão de encontro com o sentido de captar as especificidades da formação e do desenvolvimento institucional observando como este modelo se articula se ao processo da construção da identidade brasileira.

Deste modo, a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem deseja compreender os diversos Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate de compreender a educação no Brasil.

Aqui, os diversos autores investigam as questões diversas destes campos dos saberes, tais como: a arte, a cultura, a história, novas metodologias, identidade brasileira, políticas educacionais, entre outras.

Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O BORDADO NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Isabella Brandão Lara Ana Maria de Oliveira Galvão	
DOI 10.22533/at.ed.5591905071	
CAPÍTULO 2	13
ENSINO A DISTÂNCIA NO BRASIL: HISTÓRIA E LEGISLAÇÃO	
Bruna Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.5591905072	
CAPÍTULO 3	25
A ANPUH-SP E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PAULISTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS	
Ana Paula Giavara	
DOI 10.22533/at.ed.5591905073	
CAPÍTULO 4	39
DIFERENTES CENÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA PÚBLICA DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS – AL	
Dehon da Silva Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.5591905074	
CAPÍTULO 5	52
ENSINO DE HISTÓRIA EM MUSEUS: A EXPERIÊNCIA DA MEDIAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Priscila Lopes d’Avila Borges	
DOI 10.22533/at.ed.5591905075	
CAPÍTULO 6	61
O PROCESSO INQUISITORIAL 8064 À LUZ DA MICRO-HISTÓRIA	
Guilherme Marchiori de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.5591905076	
CAPÍTULO 7	71
OS PRONTUÁRIOS MÉDICOS COMO FONTE PARA A HISTÓRIA: O CASO DO <i>LEPROSÁRIO</i> CEARENSE ANTÔNIO DIOGO (1928-1939)	
Francisca Gabriela Bandeira Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.5591905077	
CAPÍTULO 8	82
PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA: O ESTUDO DO MEIO COMO PRÁTICA PARA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	
Marcos Rafael da Silva Tathianni Cristini da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5591905078	

CAPÍTULO 9	92
DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA A (RE)INTERPRETAÇÃO DA CULTURA MATERIAL DOS MUSEUS	
Wagner Lucas Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.5591905079	
CAPÍTULO 10	101
O MITO LUSITANO DO LICANTROPO E SUA HERANÇA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	
Maximiliano Ruste Paulino Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.55919050710	
CAPÍTULO 11	111
A FALA COMO APRENDIZADO NAS PRÁTICAS DA LIGA CAMPONESA DO ENGENHO GALILÉIA	
Reginaldo José da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050711	
CAPÍTULO 12	124
A INFLUÊNCIA DOS TUTORES NA EDUCAÇÃO DE ÓRFÃOS EM MARIANA (1790-1822)	
Leandro Silva de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.55919050712	
CAPÍTULO 13	131
A LEITURA DAS ATAS DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ (1964 – 1985)	
Flávio William Brito Matos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050713	
CAPÍTULO 14	142
O CONSELHO DE INTENDÊNCIA DO SERRO/MG E A INSTRUÇÃO PÚBLICA DA REPÚBLICA, DE 1890 A 1892	
Danilo Arnaldo Briskievicz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050714	
CAPÍTULO 15	155
A POLÍTICA DE INCENTIVO ÀS MANUFATURAS TÊXTEIS EM PORTUGAL SÉCULO XVII: DOS DISCURSOS DE DUARTE RIBEIRO DE MACEDO À GESTÃO DO 3º CONDE DA ERICEIRA	
Alex Faverzani da Luz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050715	
CAPÍTULO 16	172
AS RECORDAÇÕES IMPERTINENTES DE ISAÍAS CAMINHA: RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, AUTOBIOGRAFIA E LITERATURA NA PRODUÇÃO DO ESCRITOR LIMA BARRETO	
Carlos Alberto Machado Noronha	
DOI 10.22533/at.ed.55919050716	

CAPÍTULO 17	181
A PROCESSUALIDADE DE UMA POLÍTICA COOPERATIVA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS NO ENSINO SUPERIOR	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
Reginaldo Célio Sobrinho	
Edson Pantaleão	
Giselle Lemos Shmidel Kaustsky	
DOI 10.22533/at.ed.55919050717	
CAPÍTULO 18	190
CONHECIMENTOS SOBRE A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: BASE PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA	
Giselle Lemos Schmidel Kautsky	
Reginaldo Celio Sobrinho	
Edson Pantaleão Alves	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.55919050718	
CAPÍTULO 19	199
DIREITOS SOCIAIS E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA FIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS	
Monica Isabel Carleti Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.55919050719	
CAPÍTULO 20	210
CENTROS DE PESQUISA SOBRE A VIOLÊNCIA NO BRASIL	
Bárbara Birk de Mello	
Luiz Antonio Gloger Maroneze	
DOI 10.22533/at.ed.55919050720	
CAPÍTULO 21	221
DESAPRENDENDO O JÁ SABIDO: O “ESTADO NOVO” NO EMBALO DO SAMBA	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050721	
CAPÍTULO 22	238
CINEMA, CULTURA POPULAR E MEMÓRIA NA VISÃO DO CINEASTA HUMBERTO MAURO	
Sérgio César Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.55919050722	
CAPÍTULO 23	248
DAS PÁGINAS DOS JORNAIS PARA AS TELAS: A REPRESENTAÇÃO DO ESQUADRÃO DA MORTE NO CINEMA BRASILEIRO DA DÉCADA DE 1970	
Renata dos Santos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.55919050723	
CAPÍTULO 24	259
O LUGAR DO MÚSICO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E REGIONAL	
Douglas José Gonçalves Costa	
DOI 10.22533/at.ed.55919050724	

CAPÍTULO 25	269
ROTAS DE TEATRO, BRASIL E PORTUGAL: ENCENAÇÕES, ENGAJAMENTO E CRIAÇÃO ARTÍSTICA NOS ANOS 1960 E 1970	
Kátia Rodrigues Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050725	
CAPÍTULO 26	281
FICCIONALIZANDO REALIDADES: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA EM “THE HANDMAID’S TALE”, DE MARGARET ATWOOD	
Isabela G. Parucker	
DOI 10.22533/at.ed.55919050726	
CAPÍTULO 27	290
ÍNDIOS PANKARÁ: ENTRE A SERRA E O RIO. HISTÓRIA, MEMÓRIA E ALTERIDADE	
Alberto Reani	
DOI 10.22533/at.ed.55919050727	
CAPÍTULO 28	301
NO SÉCULO XVIII, OS INDÍGENAS NA FORMAÇÃO DA CAPITANIA DE MATO GROSSO	
Gilian Evaristo França Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050728	
CAPÍTULO 29	316
A METODOLOGIA KELLYANA APLICADA À TEMÁTICA INDÍGENA	
Rosemary Pinheiro Da Paz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050729	
CAPÍTULO 30	329
UMA VISÃO DOS INDÍGENAS DO SUL DE MINAS NOS RELATOS DE ALGUNS MEMORIALISTAS	
Gustavo Uchôas Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.55919050730	
CAPÍTULO 31	340
INTERCÂMBIO DE IDEIAS: CORRESPONDÊNCIAS ENTRE ARTHUR RAMOS E MELVILLE HERSKOVITS (ACERCA DA CULTURA AFRO-AMERICANA, 1935-1949)	
Heloísa Maria Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.55919050731	
CAPÍTULO 32	352
ENSINO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO: O VALOR DA CAPOEIRA	
Jefferson Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050732	

CAPÍTULO 33 363

ESMERALDINAS, CREMILDAS E LOURDES:TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS NO MOVIMENTO QUILOMBOLA NO RIO ANDIRÁ, FRONTEIRA AMAZONAS/PARÁ (2005-2016)

João Marinho da Rocha

Marilene Correa da Silva Freitas

DOI 10.22533/at.ed.55919050733

SOBRE A ORGANIZADORA..... 372

AS RECORDAÇÕES IMPERTINENTES DE ISAÍAS CAMINHA: RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, AUTOBIOGRAFIA E LITERATURA NA PRODUÇÃO DO ESCRITOR LIMA BARRETO

Carlos Alberto Machado Noronha

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Baiano
Uruçuca – Bahia

THE IMPERTINENT MEMORIES OF ISAÍAS CAMINHA: RELATIONS BETWEEN HISTORY, AUTOBIOGRAPHY AND LITERATURE IN THE PRODUCTION OF THE WRITER LIMA BARRETO

RESUMO: O presente artigo visa analisar as relações entre história, autobiografia e escrita de romance do literato Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922). Para tal, selecionamos suas anotações pessoais que sinalizam seus projetos de escrita de uma história da escravidão no Brasil bem como seus anseios de reconhecimento enquanto escritor, o romance *Recordações do escrivão Isaias Caminha* e correspondências que evidenciam suas discussões acerca da mensagem daquele romance. Desse modo, pretendemos discutir as experiências sociais do autor Lima Barreto que o levaram a lançar o romance acima citado e sua proposta de contrapor-se às premissas das teorias racialistas predominantes em princípios do século XX e inserir protagonistas negros na narrativa literária.

PALAVRAS-CHAVE: Lima Barreto, História, Literatura

ABSTRACT: This article aims to analyze the relationship between history, autobiography and writing novel writer Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922). To do this, select your personal notes that indicate his a history of slavery writing projects in Brazil and their longings for recognition as a writer , the novel *Recordações do escrivão Isaias Caminha* and correspondence evidencing their discussions about the message that novel. Thus, we intend to discuss the social experiences of the author Lima Barreto that led him to launch the novel mentioned above and his proposal to counteract the assumptions of racialist theories prevalent in the twentieth century principles and insert black players in the literary narrative.

KEYWORDS: Lima Barreto, History, Literature.

1 | INTRODUÇÃO

O romance *Recordações do escrivão Isaias Caminha* foi a primeira obra publicada do literato Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922). Esse texto foi lançado em 1909 através do editor português A. M. Teixeira, sendo que dois anos antes, no terceiro número

da revista Floreal - editada pelo próprio autor -, havia se tornado público os seus dois primeiros capítulos. O personagem principal e narrador daquele romance é um jovem mulato e letrado que sai do interior para a cidade do Rio de Janeiro, então capital federal do Brasil, com a intenção de realizar seu sonho de se tornar doutor.

A sua trajetória nessa cidade é marcada por grandes dificuldades financeiras, preconceitos racial e social que o levam a várias frustrações e à desistência de seu sonho. Nesse percurso, ele vivencia as contradições de uma cidade que assumia aspectos cada vez mais arrivistas e cosmopolitas, indo trabalhar como contínuo num grande órgão da imprensa da época, *O Globo*, numa clara alusão ao jornal Correio da Manhã, propriedade de Edmund Bittencourt e periódico melhor organizado segundo os moldes modernos de início do século XX.

Lima Barreto, através de uma linguagem simples e direta, construiu uma narrativa composta de caricaturas representativas de sujeitos da imprensa moderna e versões sobre acontecimentos de grande repercussão, ocorridos durante o mandato do presidente Rodrigues Alves (1902-1906). Dentre esses, podemos destacar a Revolta da Vacina, transfigurada no romance pelo motim em virtude da lei que obrigava o uso de sapatos na cidade, e os empréstimos para a realização da reforma urbana na capital federal (BARRETO, s/d, p. 181).

A partir das recordações de Isaías, Lima realizou uma denúncia da manipulação pela imprensa e de sua seleção dos autores e políticos que deveriam ser prestigiados. Além disso, aprofundou suas críticas em relação à escrita utilizada pelos autores na imprensa bem como aos assuntos que primavam pelo sensacionalismo e superficialidade. Ao realizar isso na sua narrativa, Lima abordou situações que ele mesmo havia vivenciado nas redações pelas quais passou e que dificultaram sua inserção no mundo das letras.

Diante de tal narrativa, a imprensa de um modo geral se silenciou quanto ao seu lançamento, embora o romance fosse bem vendido, levando o autor a pedir ao editor português Teixeira a publicação de uma segunda edição (BARBOSA, 1952, p. 177). Contudo, isso não satisfazia Lima, pois o retorno financeiro e sim o reconhecimento intelectual (BARRETO, 1956, p. 69). As poucas críticas que vieram a público tocavam praticamente nos mesmos pontos: o excesso de personalismo, o descaso com a linguagem e o tom caricatural (BARBOSA, op.cit., p. 176-183).

Contudo, essas críticas não se preocuparam em destacar uma questão fulcral discutida ao longo da narrativa barretiana: a permanência do preconceito racial no Brasil.

2 | AS RECORDAÇÕES DE ISAÍAS E O PRECONCEITO RACIAL

Para que isso fique claro, voltemos às recordações de Isaías no momento em que este justifica sua escrita.

Eu me lembrei de escrever estas recordações, há dois anos, quando, um dia, por acaso, agarrei um fascículo de uma revista nacional, esquecida sobre o sofá de minha sala humilde, pelo promotor da comarca.

Nela um dos seus colaboradores fazia multiplicadas considerações desfavoráveis à natureza da inteligência das pessoas do meu nascimento, notando a sua brilhante pujança nas primeiras idades, desmentida mais tarde, na madureza, com a fraqueza dos produtos, quando os havia, ou regra em regra geral, pela ausência deles.

Li-o a primeira vez com ódio, tive desejo de rasgar as páginas e escrever algumas verrinas contra o autor.

Considerarei melhor e vi que verrinas nada adiantam, não destroem; se, acaso, conseguem afugentar, magoar o adversário, os argumentos deste ficam vivos, de pé.

O melhor pensei, seria opor argumentos a argumentos, pois se uns não destruíssem o outro, ficariam ambos face a face, à mão de adeptos de um e de outro partido (BARRETO, s/d, p. 9).

Diante disso, passou a relembrar sua vida desde o nascimento até a mocidade, chegando a concordar com o “autor do escrito” objeto de sua crítica. Entretanto, ao analisar mais detidamente os fatos de seu passado (em muitos aspectos, esses fatos são parecidos com os da trajetória do próprio Lima), conclui que, quando se dispunha “a tomar na vida o lugar que parecia de” seu “dever ocupar”, encontrava “hostilidade”, “estúpida má vontade” lhe vinha ao encontro, levando-o ao abatimento e à sensação de fuga de toda “aquela soma de idéias e crenças” que o alentaram na sua “adolescência e puerícia”.

E foram tantos os casos dos quais essa minha conclusão ressaltava, que resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas, nem perífrases, para de algum modo mostrar ao tal autor do artigo, que, sendo verdadeiras as suas observações, a sentença geral que tirava, não estava em nós, na nossa carne e no nosso sangue, mas fora de nós, *na* sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins de tão belos começos.

Com isso, não foi minha tenção fazer obra d’arte, romance, embora aquele Taine [...] dissesse que a obra d’arte tem por fim dizer aquilo que os simples fatos não dizem.

[...] é meu propósito [...] fazer [...] uma defesa a acusações deduzidas superficialmente de aparências cuja essência explicadora, as mais das vezes, está na sociedade e não no indivíduo desprovido de tudo, de família, de afetos, de simpatias, de fortuna, isolado contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insídia do veneno (BARRETO, s/d., p. 10-11).

Vemos, nesses trechos, o mulato Lima Barreto através do personagem Isaías estabelecendo a forma que considerava mais eficaz de debates entre os intelectuais e o critério mais apropriado para a análise da situação dos negros na sociedade brasileira, sendo seus argumentos uma crítica lançada, principalmente, aos literatos “intoxicados” pela perspectiva científicizante presente na apropriação dos modelos evolucionistas e deterministas.

Esse ideário científicizante era buscado na tentativa de propiciar uma reforma

no país no sentido de levá-lo ao grau de civilidade europeu e evitar, o que era um receio extremamente difundido, uma possível invasão das potências imperialistas. A crença na ciência era o que ditava os procedimentos mais eficazes para o domínio da realidade, reduzindo-a a leis, conceitos e informações objetivas. Dessa forma, seu conhecimento e a aplicação de seus fundamentos eram considerados um dos critérios para o estabelecimento do estágio civilizacional em que se encontrava uma determinada nação, levando muitos intelectuais brasileiros a seguirem-no, principalmente a partir dos acontecimentos que promoveram a abolição da escravidão e a substituição da monarquia pelo regime republicano.

A reorganização política e social advinda desses eventos fez com que a categoria cidadão fosse estendida a um maior contingente populacional, incluindo aí os negros libertos. Como, diante daquele objetivo de tentar igualar o Brasil às nações civilizadas, lidar com a presença dos negros na sociedade brasileira, um grupo visto como por aquela perspectiva científica européia como inferior? Nesse contexto, a apropriação desse “conhecimento científico” serviu com um “instrumento conservador e mesmo autoritário na definição de uma identidade nacional e no respaldo a hierarquias sociais já bastante cristalizadas. Daí a acolhida por intelectuais como Silvio Romero, Afrânio Paixoto, João Batista Lacerda e Joaquim Nabuco de teses que proconizavam a hierarquia entre as “raças humanas”.

A miscigenação tornou-se um ponto central nessa questão, sendo Silvio Romero um personagem de grande destaque tanto pela forma com discutiu o tema com seus contemporâneos quanto pelo modo como assimilou as teorias raciais. Esse autor trouxe para a crítica literária o racismo científico como base norteadora, travando polêmicas, iniciadas em fins do século XIX, com Araripe Júnior e Manoel Bonfim que apresentavam muitas vezes caráter personalista, chegando ao ponto de por em xeque a honra e a capacidade intelectual dos envolvidos. Ou seja, um tipo de discussão que não era considerado adequado por Lima Barreto para se atingir a compreensão da realidade, pois, como argumentava, “verrinhas nada adiantam”.

Romero via na miscigenação a possibilidade de extinção dos grupos africanos e indígenas pela sua incorporação à raça branca e a uma cultura brasileira de base europeia.

[...] Sua teoria do branqueamento se baseia no “cruzamento” entre os princípios racistas e as leis darwinistas e evolucionistas: “Aplicando as leis de Darwin à literatura e ao povo brasileiro, é fácil perceber que a raça que há de triunfar na luta pela vida, neste país, é a raça branca”. Ainda que negasse a superioridade absoluta do mestiço, considerava-o um ganho evolutivo, por ter ajudado o colonizador branco a se adaptar à “luta pela sobrevivência” nos trópicos, ao mesmo tempo que incorporava o negro e o indígena à civilização. A mescla entre portugueses, negros, índios e imigrantes traria, em três ou quatro séculos, uma população brasileira branca e homogênea, já que as leis evolucionistas tornavam “inevitável” a vitória do branco (VENTURA, 2000, p. 64).

Temos, nesse pensamento, a realidade reduzida a conceitos, evadindo-se das

condições concretas de sobrevivência e apresentando a ação humana como nula, uma vez que é impossível qualquer tentativa de mudança que não estivesse em concordância com as leis da “seleção natural”. Lima propõe um caminho diferente, destacando que a causa do não alcance pelo negro de uma posição de destaque na sociedade deve ser buscada nas relações sociais historicamente estabelecidas e não na sua suposta inferioridade, como foi sinalizado no trecho acima do prefácio do romance em análise.

Se recuarmos no tempo em relação à publicação das recordações de Isaías, veremos que Lima tinha projetos de escrita que trouxesse à tona uma discussão sobre a situação dos negros no Brasil, revelando o silenciamento de outros autores quanto à continuidade do preconceito racial no Brasil. Em 1903, Lima Barreto apresentava-se nas suas anotações pessoais da seguinte maneira: “Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. [...] No futuro, escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa sociedade” (BARRETO, 1961, p. 33). Já no ano seguinte, novamente entre suas anotações, ele registra uma relação de temas que deveriam ser abordados para a compreensão do período em que Dom João VI esteve no Brasil.

Naquela relação, além de temas já consolidados quanto se referia àquele momento da História do Brasil – uma história focada nos acontecimentos de ordem político-administrativa e nas realizações dos chamados “grandes homes” - como, por exemplo, “causas que obrigaram Dom João VI a partir para o Brasil”, seu desembarque no Rio de Janeiro entre outros, Lima acrescentou: “A escravatura. Leis relativas. Aumento progressivo. Relações entre senhores e escravos. Tronco. [...]. Cantos da senzala. Caráter dos negros. Mulatos. O banzo [...]”. A intenção desse registro tornou-se mais compreensível quando realizamos a leitura de uma carta sua endereçada a seu amigo Antonio Noronha Santos, datada de 11 de junho de 1904.

Nessa, Lima convida-o para a escrita de uma monografia que seria inscrita num concurso de memórias históricas sobre o reinado de Dom João VI no Brasil promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), projeto que não se concretizou. Essa busca pela produção de textos que representassem a presença negra na história nacional persiste entre os seus objetivos. Ainda no ano de 1904, no primeiro esboço de *Clara dos Anjos*, Lima procura relacionar a trajetória de suas personagens aos momentos de surgimento das leis que antecederam à da abolição da escravidão até o início do regime republicano (BARRETO, 1961, p. 57-58).

Essas preocupações levaram Lima, diante de um cenário como vimos de hegemonia das teorias raciais, a hesitações quanto à continuidade daqueles projetos. Em 1905, ele escreve sobre o seu objetivo de elaborar um romance que contasse a vida de escravos numa fazenda. Lima resolve adiar sua escrita, pois considerava que esse texto poderia levá-lo à glória literária ou a descomposturas como a acusação de negrismo (Ibid., p. 84).

Contudo, mantém seus projetos de escrita nos quais personagens negros escravizados são protagonistas como o conto incompleto *O escravo* no qual um

homem negro se esforça para lembrar o seu passado antes de sua chegada como escravizado no Brasil e o esboço de uma peça, intitulada *Os negros*, em que é narrada a fuga de escravizados de uma fazenda, ambos de, provavelmente, 1905 (BARRETO, 2010, p. 347-352). Esses textos, portanto, são escritos paralelamente ao *Recordações do escrívão Isaías Caminha* cujo prefácio é de 12 de junho de 1905, inserindo-o naquelas tentativas de cumprir o objetivo que traçou para si de escrever uma história que contemplasse a influência da escravidão negra na nossa nacionalidade.

Entre finais do século XIX e inícios do XX, a reflexão acerca da realidade nacional recaía sobre um tipo étnico ou social como definidora da nacionalidade brasileira. Temos como exemplo disso o sertanejo de Euclides da Cunha, o mestiço de Romero, o bandeirante de Rocha Pombo e o caipira de Lobato. Lima, pelos indícios apresentados, também procurava discutir essa realidade nacional, problematizando-a a partir de personagens que serviram como denunciadores de um silenciamento em relação ao preconceito racial que, por sua vez, estava entranhado na definição da identidade nacional.

Para aprofundarmos essa reflexão, vejamos duas obras de grande repercussão no cenário intelectual brasileiro daquele período. A primeira é *Por que me ufano do meu país* de Afonso Celso, publicada em 1900 e comemorativa do IV centenário da chegada dos portugueses no Brasil. Afonso Celso afirma no capítulo 28 de sua obra que os “negros africanos” contribuíram “em tantos serviços” no Brasil, possibilitando a não existência de “preconceito de cor no país. E essa situação já se apresentava nos “tempos coloniais” (CELSO, s/d., p. 74-75).

A segunda obra é a *História do Brasil*, também de 1900, escrita pelo filólogo e historiador João Ribeiro. Este, a partir do conceito de desmoralização, identificava no Brasil uma falta de espírito nacional, de uma tradição de homogeneidade (HANSEN, 2000, p. 95). Essa situação teve início, segundo o autor, no período da colonização com a barbarização dos costumes facilitada pela presença do negro africano.

Ribeiro aponta no item *As três raças. A sociedade*, presente no capítulo II- A tentativa de unidade e organização da defesa, o negro como “principal elemento econômico” e “máximo agente diferenciador da raça nacional”, mas o único que não possui nenhuma qualidade positiva se comparado ao branco e ao indígena (RIBEIRO, 2001, p. 78-80). Desse modo, percebemos que nas duas obras o negro está sempre associado à atividade laboriosa que acaba se remetendo ao passado escravocrata brasileiro.

Além disso, podemos destacar que Afonso Celso nega a existência do preconceito racial no Brasil, sinalizando uma certa harmonia nas relações entre brancos e negros, contrariando a narrativa barretiana publicada nove anos depois. Já Ribeiro, na sua tentativa de explicar a formação da sociedade brasileira, apresenta o negro como um sujeito atuante naquela formação, mas inferior. Ou seja, mais um discurso que vai de encontro ao pensamento de Lima Barreto e que este percebe como disseminado na sociedade brasileira, como bem representou ao narrar a história de Isaías.

Vemos, portanto, como o romance *Recordações do escrívão Isaías Caminha* tinha muito mais a apresentar ao público do que o mero personalismo, descuido com a linguagem e tom caricatural, apontados pelos seus críticos.

3 I CONSIDERAÇÕES FINAIS OU LEITURAS POSSÍVEIS DO ROMANCE

Lima Barreto, através da narração das recordações do escrívão Isaías, promoveu uma crítica ao pensamento hegemônico da época quanto à inserção do negro na sociedade brasileira. Ao articular vivências pessoais e criação literária, o autor procurou dialogar com outros intelectuais e publicizar representações que estimulassem a reflexão acerca do silenciamento em relação ao preconceito racial.

Um dos primeiros artifícios elaborados por Lima na sua narrativa a fim de construir sua crítica social foi a criação de um personagem mulato narrador de sua própria história. Ele seleciona um tipo étnico objeto do pensamento dos seguidores das teorias raciais, nas suas tentativas de conformação de uma identidade nacional, e eleva-o a categoria de sujeito/produtor de conhecimento. Nessa mutação do mulato de objeto para sujeito, Lima sinaliza a urgência de se levar em consideração a permanência de ideias e ações oriundas do passado escravocrata brasileiro para compreensão daquele início republicano, especialmente do seu processo de marginalização de determinados grupos sociais.

Nesse sentido, podemos destacar outro artifício presente nessa narrativa através do qual Lima põe em discussão o quanto o olhar dos intelectuais brasileiros sobre sua própria realidade ainda estava impregnado por uma mentalidade colonizada. Estamos nos referindo à aparição de um personagem no capítulo XI do romance aqui em destaque.

Trata-se da figura de um preto velho que circula entre os personagens representantes das elites cariocas quando esses aguardavam pela chegada do redator português, contratado pelo grande jornal O Globo, no cais do porto do Rio de Janeiro.

[...] Além do ministro, intrometeu-se uma nova personagem; um preto velho, quase centenário, de fisionomia simiesca e meio cego.

Trazia na mão esquerda em caniço que distendia um arame de pescaria; com a direita, auxiliado por uma varinha, vibrava dolentemente a corda, enquanto balbuciava qualquer coisa. Ia de grupo em grupo, tangendo o seu monocórdio extravagante. Cantava talvez uma ária de uma extravagante beleza, certamente só percebida e feita pela sua alma para sua alma... Tocava e esperava esmolas. Em todas as fisionomias, havia decerto piedade, comiseração, e mais alguma coisa que não me foi dado perceber. Era constrangimento, era não sei o quê...

O preto tinha os pés espalmados e, com a cecidez e a velhice, andava de leve, sem quase tocar no chão, escorregava, deslizava – era como uma sombra...

[...] Ele, com a sua resignação e miséria, e o sol, com a sua força e indiferença, tinham um certo acordo oculto, uma relação entre si quase perfeita. O negro ia... ia tocando já sem forças a plangente música das recordações do adusto solo da África, da vida fácil de sua aringa e do cativoito semi-secular (BARRETO, s/d, p. 170-171).

Essas linhas escritas por Lima Barreto trazem uma dimensão simbólica que se remete a outras temporalidades, trazendo elementos culturais que poderíamos considerar, utilizando uma categoria elaborada pelo teórico e crítico literário Raymond Williams, como residuais (WILLIAMS, 1979, p. 125). A capoeira e a música dos negros, forjadas no passado mas ainda efetivas naquele presente da narrativa, são trazidas à tona através da aparição do preto velho. E, pela incompreensão e até constrangimento das elites no cais, são levados a interpretar como uma representação criada por Lima Barreto a fim mostrar a seus leitores – aqui tomamos de empréstimo novamente o pensamento de Williams – a exclusão operada por uma tradição seletiva e hegemônica da intelectualidade brasileira daquele momento, interessada em aproximar o Brasil das nações europeias.

Dentro dessa possível leitura que pretendemos realizar desse texto barretiano, temos as elites do Brasil com seus olhos voltadas para o oceano Atlântico, aguardando um europeu, representante de sua ex-metrópole, que irá ser responsável pela produção de textos de um grande veículo de comunicação nacional. Isso nos leva para um último artifício de Lima que merece nosso destaque: o nome dado ao seu personagem-narrador.

Isaiás é um nome de origem hebraica que significa salvação do senhor (www.dicionariodenomesproprios.com.br/isaias/ Acesso em: 16 de jul. 2016). Já Caminha pode ser uma alusão ao escrivão da frota de Cabral Pero Vaz de Caminha, autor da carta que anuncia a chegada dos portugueses nas terras hoje conhecidas como Brasil a qual é considerada, por uma perspectiva que aponta o elemento branco como principal na formação de nossa nacionalidade, como documento de “fundação do Brasil”. Desse modo, podemos inferir que o Isaiás de Lima Barreto faz o papel daquele que, através de suas recordações, sinaliza uma outra possibilidade de narrar a História do Brasil, especialmente a da presença dos negros no país, salvando do esquecimento as memórias que desmascaram o preconceito racial existente.

Notamos, portanto, como o romance *Recordações do escrivão Isaiás Caminha* insere-se numa grande discussão que se estava realizando no início do século XX em torno da configuração de uma memória do passado nacional, servindo de fonte para a problematização das relações étnico-raciais no Brasil bem como das aproximações entre as representações de uma dada realidade promovidas pelos textos literários e historiográficos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1952.

BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaiás Caminha**. Erichim: EDELBRA, s/d.

BARRETO, Lima. **Correspondência**. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. **Diário íntimo: memórias**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

BARRETO, Lima. **Contos completos de Lima Barreto**. Organização: SCHWARCZ, Lilia. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 347-352.

CELSONO, Afonso. **Por que me ufano do meu país**. Disponível em: www.ebooksbrasil.org Acesso em: 28 de mar.2014.

HANSEN, Patrícia. **Feições e fisionomia: a História do Brasil de João Ribeiro**. Rio de Janeiro: Access, 2000.

RIBEIRO, João. **História do Brasil**. 20 ed. revista e completada. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2001.

VENTURA, Roberto. **Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SITE CONSULTADO:

www.dicionariodenomesproprios.com.br/isaias/ Acesso em: 16 de jul. 2016.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-455-9

